

DA CULTURA uma visão da antropologia filosófica

NELLY ALEOTTI MAIA

Introdução

O presente trabalho não tem a pretensão de ser um exaustivo estudo da cultura, mas, apresenta, de maneira talvez fragmentária, uma seleção das questões que mais preocupam, hoje, os estudiosos.

Dentro da vastidão do âmbito dos assuntos tratados pela filosofia, um dos mais recentes e importantes estudos é o da antropologia filosófica. Trata-se de tentar definir o homem buscando seus referentes únicos, ou seja, aquele conjunto de características que só a espécie humana possui e que, conseqüentemente, a diferencia das demais espécies animais. Embora haja óticas divergentes entre os estudiosos, há uma concordância em torno de uma característica – a cultura. Isso porque, dentre outras características distintivas do homem, como o pensamento racional, a linguagem abstrata e a consciência da morte, a cultura em si é, talvez, a mais relevante pelo seu caráter cumulativo. Encontramos, porém, uma grande variedade conceitual relativa a seu significado.

Como ponto de partida para a breve discussão de cultura que se pretende neste traba-

lho, tomemos um conceito tacitamente aceito pelas ciências humanas, sociais e pela filosofia.

Cultura é tudo o que o homem sabe, faz, possui ou em que acredita

Destacaremos, nesse conceito, alguns aspectos que se nos afiguram como mais marcantes e que nos permitirão uma ótica antropológica, embora seja ele simplificado e demandando uma análise mais pormenorizada. Vejamos, de início, seus principais componentes.

1. Cultura é tudo o que o homem sabe – Cultura e conhecimento.

A identificação de cultura com a capacidade e o resultado de conhecer é, talvez, tão antiga quanto o surgimento da espécie humana. Desde a origem mítica, o fruto proibido da árvore do conhecimento e a desobediência do homem, punido com a perda da situação edênica, encontramos a cultura identificada com o saber. Ao mesmo tempo temos a questão do esoterismo

ligado ao saber, que se mantém ao longo das diversas civilizações. Como exemplo: a mumificação no Egito, domínio dos sacerdotes, a astrologia mesopotâmico-persa, os oráculos gregos, até os segredos medievais, de que pitoresca ilustração é o fascinante romance *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco.¹

A identificação, porém, de cultura e saber é encontrada nas canções de gesta, nas referências elogiosas a personagens ilustres² e, principalmente, quando, valorizada pelo reviver intelectual da Renascença, cria a imagem da *persona culta*, o bibliófilo.

Nasce, por volta do século XVI, o método científico que dará ao conhecimento uma nova dimensão, com diretrizes empíricas e lógicas, submetendo-o ao racionalismo.

Mais tarde, com o surgimento do Iluminismo, cultura e conhecimento se identificam de maneira inquestionável.

É, no entanto, com o advento da sociologia e demais ciências sociais que cultura passa a ter um significado próprio. Distingue-se de erudição e passa de uma ligação estreita do conceito de *homo sapiens* ao novo conceito de *homo faber*.

2. Cultura é tudo o que o homem faz – Cultura e produto.

“O que, antes de tudo, chama a atenção é que o homem, do ponto de vista biológico, absolutamente não teria o direito de se impor à totalidade do mundo animal (...) comportando-se como o mais poderoso (...) da Terra.”³

De tal modo, porém, o homem modifica o meio, que a mudança passa a defini-lo e distingui-lo das demais espécies. Além das mudanças sobre o meio, de que a mais significativa é a criação de instrumentos ou o uso instrumental dos próprios elementos do meio, o homem passa,

com o desenvolvimento de sua capacidade simbólica, a criar novas maneiras de interagir dentro da espécie, sendo a mais expressiva a linguagem abstrata, que trataremos adiante.

O importante é que o homem, do momento que faz algo, passa a *possuir, ter* alguma coisa que lhe pertence. Essa idéia de posse abrange desde um galho partido para afastar um animal que o ataca ou para apoiar-se nele em uma subida íngreme até uma pedra para quebrar um fruto para seu alimento.

Encontramos, então, um novo sentido de cultura, podendo desdobrá-la em um aspecto material e um não-material ou, o que hoje se caracterizaria como *hardware* e *software*, aspectos que se entrelaçam e interdependem. Permite-se, no estudo da cultura, um modelo sistêmico, em que o elemento material é processado e, pela criatividade humana, é devolvido à sociedade como produto. Trata-se, portanto, de mais um passo da antropologia filosófica na caracterização do homem.

3. Cultura é tudo o que o homem possui – Cultura como patrimônio.

De fato, à medida que o homem como ser social – o *socius* – passa a ordenar racionalmente o meio, o conhece e o modifica, ou seja, sabe e faz, apropria-se de suas ações, gerando, assim, um patrimônio. À diferença de outras espécies que também mudam o meio ambiente, a produção do homem tem caráter cumulativo, sendo

¹ ECO, UMBERTO, *O Nome da Rosa*, trad. Aurora Foroni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Ed. Nova Fronteira, Rio, 1983.

² Exemplo: o pitoresco epitáfio do Rei D. Dinis (século .XIV) que reza: *Soube amar as musas, poetou e leu.*

³ BOCHENSKI, J. M., *Diretrizes do Pensamento Filosófico*, trad. Alfred Simon. Ed. Pedagógica e Universitária, SP, 1978, p. 80.

transmitida de geração em geração, passando, desse modo, as expressões cultura e herança social a ter equivalência semântica.

É nesse fato que se apoia a antropologia filosófica, tomando-o, entre outros, como discriminante, caracterizando a espécie humana em face das demais.

Com efeito, enquanto diversos animais modificam o meio, construindo formas de habitação, por exemplo, esses comportamentos se mantêm iguais, de geração em geração, gravados no equipamento genético, caracterizados como instinto, o que não ocorre com a espécie humana. Cada geração altera o patrimônio acrescentando ou suprimindo modelos e padrões e, ainda, criando formas diferenciadas conforme o ambiente. Os esquimós não constroem as mesmas casas que os beduínos ou que os polinésios, por exemplo.

Entretanto, a *posse* dos produtos acarreta um outro fenômeno que veremos adiante.

4. A cultura como bem de consumo – A posse e o uso da cultura.

Por mais primitiva que seja a sociedade, a cultura a sustenta em todas as suas maneiras. À medida que ela se avoluma, como ocorre nas sociedades desenvolvidas, há uma certa *avidez* pelos produtos, superpondo-se, assim, às diversas maneiras da cultura.

Manifesta-se, algo curioso: os diversos aspectos da cultura guardam entre si uma relação de interdependência. Ocorre, nesses casos, o fenômeno conhecido vulgarmente como *cultura de massa*.

5. Interface entre a cultura material e a não-material – Superposição e interação dos modos culturais.

De tal modo produto e conhecimento se interligam, que parece ser chegado o momento

de se encarar o fenômeno cultura sob outro enfoque. Com efeito, a *produção* da cultura material depende do conhecimento e do domínio da não-material. Nos grupos desenvolvidos esse aspecto é conhecido como tecnologia.

Dois fatos devem, nesse caso, ser notados: a *invasão* de produtos alterando a percepção do homem, cujo domínio da parte material passa a ser quase uma exigência de sobrevivência social. À semelhança do Antigo Egito, em que havia uma nítida separação entre escribas e o resto da sociedade, há, hoje, uma linha de corte entre os *manuseadores* da tecnologia e os simples usuários dos produtos.

O segundo fato é que essa distinção é, porém, apenas para efeito de análise, posto que, na realidade social, o homem está mergulhado em ambas.

Vulgariza-se a cultura sob a denominação de *cultura de massa*, aspecto já mencionado e que nos levará adiante a considerar seus efeitos sobre o comportamento humano.

6. Cultura e conduta social – A homogeneização de comportamentos.

No quase inesgotável assunto que é o estudo da cultura, há um tema que não pode ser menosprezado – o de sua ação sobre o comportamento do homem. Não somente ela o condiciona, mas exerce sobre ele uma ação curiosa, diríamos, até, determinante.

Cria-se, nas sociedades desenvolvidas, uma divulgação de padrões pelo *derrame* cultural que leva as condutas a se uniformizar, quase se igualando, ao menos em suas maneiras exteriores.

Se observarmos uma família de classe média em situações como refeições, lazer, compras, no Japão ou na Suécia, a diferença em termos de uso de cultura material é mínima. Ousaríamos,

até, dizer que a tecnologia com seus produtos representa o papel do *Grande Irmão*, de H.G. Wells?

Os produtores da cultura em massa almejam “*não que todos os clientes consumam o mesmo produto, mas que todos os clientes comprem produtos idênticos, na base de uma procura idêntica que, também, tem de ser produzida*”⁴

A citação acima parece exprimir corretamente o espírito da massificação de comportamentos, inicialmente, intencional pelos produtores, posteriormente, homogeneizada pelo hábito, muita vez, não racional do uso.

O estudo desse fenômeno não é novidade. Começou, sistematicamente, nos anos de 1970, abrindo uma nova área: a da contracultura ou *burotecnocracia* ou, no dizer de Van Cleeve e Tesconi, a Cultura Anti-Homem,⁵ obra de que extraímos o trecho a seguir: “*A burotecnocracia criou condições em que se torna difícil alguém ser ele mesmo. É o homem social, o homem dirigido pelo outro, que é recompensado pela burotecnocracia.*”

É, então, interessante refletir sobre o aspecto “médico e monstro” da cultura que, criada pelo homem, passa a dominá-lo. Mas, talvez, a analogia não seja assim tão simples, pois a criatividade humana acrescenta à cultura algo que transcende a submersão nos produtos.

7. O pensamento abstrato e o símbolo – Uma sofisticação da cultura.

Nada mais expressivo e ilustrativo do que a conhecida afirmação de Thorndike sobre a diferença entre o pensamento animal (baseado nas percepções) e o humano simbólico: *o animal pensa as coisas; o homem pensa das coisas.*

A reflexão sobre essa afirmativa nos leva, forçosamente, à cultura como definição do homem. Ainda mais, se Aristóteles definia o homem

como animal político (que vive na *polis*) e, antes dessa definição, o *conhece-te a ti mesmo* socrático-platônico, isso nos obriga a só entender o homem na cultura em que está inserido e que, ao mesmo tempo, a constrói. Esse entendimento se torna mais claro com o pensamento simbólico de que a mais complexa expressão é a linguagem. O símbolo é, por conseguinte, uma das definições do homem e dentro dele está o processo mais rico e misterioso – a linguagem.

Não nos referimos, aqui, à linguagem interjuncional (emocional) ou meramente designativa (muitas vezes onomatopaica), mas à linguagem abstrata, essencialmente simbólica, aquela que o homem cria, como pensamento interno.

Cassirer, o precursor da antropologia filosófica moderna (excluindo-se o *conhece-te a ti mesmo* já mencionado), une a linguagem e o símbolo, igualando-a quase ao mito: “*A linguagem é, pois, por sua própria natureza e essência, metafórica. Incapaz de descrever as coisas diretamente, recorre a meios indiretos de descrição*”⁶. Eis uma conceituação da interligação entre linguagem e símbolo.

Algo, no entanto, nos intriga: a diversidade da simbologia de grupo para grupo. A razão ou explicação lógica para que grupos criem sistemas simbólicos diferentes continua um dos grandes mistérios da cultura e de seu processo de construção.

⁴ ANDERS, GUNTHER, *O Mundo Fantasmático da TV*, in ROSENBERG, B. e WHITE, D.M., *Cultura de Massa*, trad. Octavio Mendes Cajado. Ed. Cultrix, São Paulo, s.d., p. 415.

⁵ TESCONI, CHARLES e VAN CLEEVE, MORRIS, *The Anti-Man Culture*. University of Illinois Press, 1972.

⁶ CASSIRER, ERNST, *Saggio su L'Uomo* Longanesi, Milão, 1948, p.1964, trad. da autora. Essa obra é precursora de sua *Antropologia Filosófica* publicada nos anos de 1980, em diversas línguas.

BOCHENSKI, op. cit., p.67.

8. *Cultura é tudo em que o homem acredita – Cultura como crença.*

A natureza oferece ao homem, inicialmente ao primitivo, fenômenos e fatos que não podem ser dominados e nem entendidos desde uma simples tempestade ao ciclo das estações, ao surgimento de doenças e uma infinidade de outras incógnitas. Constroem-se, desse modo, perplexidades aceitas, mas não entendidas, nem, tampouco, explicadas, nem dominadas. Pela sua presença o homem as aceita como fora de seu controle; acredita, portanto, em forças que superam sua capacidade.

Com a evolução da cultura, o homem dá a essas crenças um sentido racional, criando uma estrutura lógica, ontológica e axiológica. Nasce, desse modo, as religiões superiores que, além do conteúdo mítico originário, têm um fundamento racional e um conjunto de valores que, na quase totalidade das vezes, regula o comportamento do indivíduo e da sociedade.

9. *Cultura e Valor – Saber, fazer, expressar, acreditar e valorar.*

De todos os aspectos da cultura o mais intrigante é, sem dúvida, o fato de que o homem, além de conhecer, produzir e crer, reage a fatos e fenômenos com percepções diferentes, negativas ou positivas, hierarquizando-as com intensidade diferente.

Interessante e expressiva é a colocação de Bochenski: *“Pois é uma realidade que o homem não só deve encarar o mundo pela especulação e contemplação teórica, não só contempla e vê, mas, também, julga e avalia, isto é, sente a realidade como bela ou feia, boa ou má, agradável ou dolorosa, nobre ou comum, santa ou impura e assim por diante: Em seu conjunto, a vida humana é um tecido de apreciações e avaliações.”*

Eis o fenômeno do valor, típico da cultura, que, mesmo diante das ameaças da massificação e outros derivados, irá guiar o homem.

10. *Uma dinâmica da cultura – A cultura sob uma ótica sistêmica.*

Vários modelos têm sido utilizados na tentativa de elucidar alguns dos mistérios da cultura. Se considerarmos os elementos da natureza como insumos a serem processados pelo homem e, conseqüentemente, transformados em produtos que, por sua vez, realimentam os insumos, um modelo sistêmico para representar a cultura é perfeitamente adequado. No entanto, a um exame mais aprofundado, essa representação é, talvez, ingênua em seu formalismo. Na sua complexidade, o fenômeno cultura exigirá, quem sabe, um enfoque diferente, mais abrangente.

11. *Uma visão crítica da cultura – Uma leitura fenomenológica*

A sintética e simplificada visão dos principais aspectos da cultura apresentados não esgotam sua análise. Longe, porém, de pretender esgotar essa análise da cultura, selecionamos alguns que os estudiosos do homem em termos culturais consideram inquestionáveis. Mesmo assim, convém levantar, ainda, algumas questões.

Aplicar ao estudo ou à explicação ou divulgação de um conceito de cultura um único modelo ou uma apresentação analítica de seus aspectos principais é uma posição altamente insatisfatória e insuficiente. Conviria, talvez, apresentar a cultura sob uma ótica fenomenológica kantiana ou husserliana, admitindo-se que a cultura é e como tal deve ser inicialmente percebida. Logo depois, ousadamente, proporíamos um salto existencial.

A cultura é, antes de tudo, vivida.

.....
NELLY ALEOTTI MAIA – Doutora e Livre-docente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Livre-docente pela Universidade Federal Fluminense. Diplomada pela Escola Superior de Guerra. Titulação Especial em Política e Estratégia Brasileiras pela ESG. Título de Distinguished Fellow do International Council on Education for Teaching. Professora do CEP.